

# MIROSLAV MILOVIC: PROFESSOR DA DIFERENÇA<sup>1</sup>

SUBTÍTULO

**Cacilda Bonfim<sup>2</sup>**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, São Luís, MA, Brasil.

---

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v1i1.17>

---

É sempre sublime lembrar de Miroslav Milovic. Assim, receber o convite para participar deste II Colóquio em sua homenagem foi uma honra ímpar, pois discorrer sobre o pensamento do professor Miroslav, o querido Miro, é reviver reflexões que pulsam e vivificam o trajeto de significações do meu caminhar acadêmico e pessoal.

Nesta ocasião, celebramos não apenas os vinte anos da publicação do livro *Filosofia da Comunicação*, mas uma visão de mundo espreada também nas obras *Comunidade da diferença* (2004), *Política e Metafísica* (2017) e em inúmeros artigos, conferências e entrevistas.

Meu texto como professora e pesquisadora de filosofia irrompe da escuta como aluna de Miro - no mestrado de filosofia da UnB, em 2011 - e se manifesta a partir de lições valorosas perpassadas por uma relação acadêmica digna e honrosa, sublinhada de reconhecimento e reciprocidade. Ele, tendo percorrido o mundo, vindo originariamente da Sérvia, da guerra, do conflito, do protesto, da insurreição e eu, apesar de ter passado infância e adolescência em Brasília, procedente do Maranhão, Nordeste, Brasil, América Latina de golpes, instabilidade, invisibilidade, drama, luta e agora, escopo do ódio escancarado e abjeto de uma elite fundamentalista, forjada no obscurantismo, na ignorância.

No percurso daquela minha Pós-Graduação universitária, Hannah Arendt foi o liame da pesquisa e com a orientação de Miro perquirimos juntos o sentido de Justiça. Às vezes nos reuníamos no departamento de Filosofia da UnB, que na época era no subterrâneo do famoso minhocão (ICC - Ala Norte), noutras, no café da Faculdade de Direito, onde ele estava ministrando suas aulas. Em transição de um departamento a outro, Miro personificava a própria interdisciplinaridade, pois ele era a passagem, a abertura, a possibilidade de atravessar o limiar de múltiplas filosofias, tempos e realidades.

Da varanda de seu apartamento, nas tardes de orientação, víamos o lago Paranoá, o horizonte de Brasília, e eu ansiava pelo porvir de minha vida docente, já iniciada, mas que se nutria ali, na não neutralidade de seus atos e de suas palavras, porque isenção não fazia parte do seu modo ser. Na introdução de sua obra, *Comunidade da Diferença*, ele se posiciona em forma de agradecimento: “Escrevi este livro em solidariedade a todos que, como no exemplo da guerra recente na Iugoslávia, mostraram coragem e desobediência civil. Em memória de todos que, como Miladin Zivotic, amigo e professor, lutavam contra o comunismo, o nacionalismo e o



liberalismo” (MILOVIC, 2004, p. 9). Não há meias palavras. Solidariedade é o sentimento ético balizador. Liberdade, a causa *mor* do combate. Este era meu professor, orientador, mestre sagaz, homem vivido.<sup>3</sup>

Conversas, cafés, trocas de informações culturais, indicações de leitura, apoio para a publicação de artigos e apresentações em eventos. Obtive o grau de mestre, pouco tempo depois me doutorei. Admiração e amizade prosseguiram e a mais significativa deferência veio quando, em dezembro de 2020, ele me convidou para fazer uma apresentação sobre Hannah Arendt - pensadora que estudo até hoje - no curso que ele estava montado de Mestrado e Doutorado em Direito e Metafísica para seus alunos de Direito da UnB. Infelizmente, o projeto foi bruscamente interrompido por seu falecimento.

Internado devido ao Covid-19, Miro teve complicações e não resistiu. Como bem expressou o professor José Geraldo de Sousa Junior, ao redigir o obituário para a Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília: “A notícia caiu de modo fulminante entre seus colegas e alunos, absolutamente chocados.”<sup>4</sup>

Saudade e gratidão. Volta e meia abro o caderno de anotações que eu fazia de suas aulas. Releio seus livros. Tesouros de papel.

A questão medular do curso não diretamente realizado, mas presente em todo seu pensamento, era o direito como potência. A perspectiva arendtiana fulcral emergia da proposição “Direito de ter direitos” e do posicionamento da pensadora junto aos que queriam desmontar a metafísica, evidenciando suas consequências nefastas para a política. Em uma entrevista de 2006 à revista do Instituto Humanitas Unisinos, discorrendo sobre o pensamento de Arendt, Miro evidenciou:

O indivíduo que não pensa e se torna cúmplice dos crimes: essa é a banalidade do mal diagnosticada por Hannah Arendt como a consequência dessa tradição filosófica que quase mumificou a estrutura do ser e nos marginalizou. Por isso, Arendt vai iniciar o projeto sobre a política no contexto da diferença ontológica de Heidegger. Política faz a diferença, política cria a ontologia, a possibilidade do Novo (MILOVIC, 2006).

Leitura contundente e precisa. Quão atual é Hannah Arendt, quão crucial é saber interpretá-la, sem chavões e modismos. Posso ainda citar outra enunciação de Miro: “a ação política em Arendt é sempre uma interação. Os outros são pressupostos e não só consequências de uma reflexão solitária” (MILOVIC, 2017, p. 99). Vê-se plenamente na colocação o ponto de convergência entre o pensamento de Arendt e o pensamento próprio professor Milovic. Não é por formalismo acadêmico, como quem apenas traça uma diagnose elaborada ao longo da história da filosofia, que ela é referida. Não há imparcialidade na docência. Conceitos e ideias também são searas de disputa. Arendt está presente na profusão de autores mencionados por Miro porque também para ele a política é concebida como ação conjunta, isto é, intersubjetiva de tal modo, que também ele está na contramão da tradição filosófica proferida em solilóquios e

3 Pode-se encontrar essa tríplice crítica em sua obra anterior, *Política e Metafísica*. Miro critica o comunismo na Iugoslávia por ser herdeiro de uma herança totalitária. Critica o nacionalismo na Iugoslávia devido a exclusão social que enseja e critica o capitalismo por eliminar a possibilidade de convivência democrática, “ele quer funcionar e nos livrar de nós mesmos” (MILOVIC, 2017, p 54).

4 Disponível em: [https://noticias.unb.br/images//Artigos/MIRO\\_compromisso\\_com\\_a\\_filosofia\\_politica\\_e\\_com\\_o\\_mundo.pdf](https://noticias.unb.br/images//Artigos/MIRO_compromisso_com_a_filosofia_politica_e_com_o_mundo.pdf)

confronta-se com todo e qualquer discurso autoritário e opressor, que só aceita como verdadeiro os seus próprios pressupostos impositivos.

Volto à suas palavras: “A vida é ação, fala Aristóteles no início da Política. Sim, a vida é ação dirá também Hannah Arendt tentando separar a vida de uma elaboração metafísica e ligando à condição humana” (MILOVIC, 2010, p. 157). A introdução da obra de Miro, “Política e Metafísica”, abre com indagações: “o que é política? O que poderia ser a vida comum?” Tais questionamentos que também estão em Arendt e em muitos outros pensadores indicam o ir de encontro às respostas engendradas pela tradição e revelam a ênfase própria da pergunta, da compreensão subjacente de que o mundo, enquanto objeto da cognição teórica, como dizia Bakhtin (Cf.: 2014, p. 24), faz-se abstratamente unitário e total porque está acorrentado à ambição de normas universais e sistemáticas teóricas que engessam os modos de ser. Repito: A vida é ação. Unicidade e totalidade são conceitos carregados de arbitrariedade, opressão.

Não era raro ouvir em suas aulas e encontrar em seus textos a palavra “entusiasmo”. Por certo ele compartilhava de um possível otimismo recôndito em Arendt, que ele mesmo identificou, mas que não subtraia, nem nela e nem nele, a percepção de que “O mundo moderno é o mundo sem a política, o mundo da economia e das condições de sobrevivência” (MILOVIC, 2010, p. 157). Se lermos a frase à luz do pensamento arendtiano, notaremos que Miro está tentando nos dizer é que a modernidade é marcada pela vitória do *animal laborans* sobre a ação, de tal modo que, se o foco político dos gregos era o “viver bem”, a modernidade evidencia a negação da política, isto é, o mero sobreviver, pois, a vitória do *animal laborans* – representada por aqueles cuja atividade se relaciona exclusivamente à supressão das necessidades básicas – revela tempos nos quais a preocupação primordial se voltou à manutenção da vida como forma de garantir um mercado de consumidores. O espaço público foi invadido pelos interesses privados, a dimensão econômica encarcerou a esfera política, a ação converteu-se em comportamento mediante regras e os cidadãos passaram a ser fregueses em potencial, em uma “lógica” tal que aqueles que não dispõem de poder de compra também não devem ter direito à vida.

Tempos sombrios. Obscurecimento da política, despolitização. Se aqui destaco as semelhanças entre Miro e Arendt é tão somente porque busco demarcar visões que com ele aprendi.

Como uma espécie de resistência à imbecilidade bestial que reina no Brasil atual faço questão de ressaltar Miro como professor, erudito de primeira grandeza, generoso em esclarecimentos e na atenção para com seus alunos, coerente com o que magistralmente lecionava, nos mostrando, mesmo após sua partida, que se hoje, a Educação é atravessada pelo signo da negação: ausência, carência, desprezo, rejeição, desdém, é porque afronta todas as formas de estupidez, boçalidade e barbárie. Nesse jogo macabro de luz e sombra, Miro, apenas Miro, sem títulos, sem vaidade, sem ostentação foi **O Professor**, abriu livros, portas, janelas, possibilidades e reflexões. Clareou, transpareceu.

Aulas e textos não giravam em torno de fórmulas vazias ou reproduções atrofiadas. Havia sempre sua marca, suas questões, suas pesquisas e sua manifesta tomada de posição. Articulava com enorme facilidade e destreza uma miríade de pensadores: Aristóteles, Derrida, Descartes, Foucault, Hegel, Habermas, Agamben, Husserl, Kant, Apel, Marx, Sartre, Negri, Adorno, Deleuze, Schmitt, Arendt... e orientou monografias, dissertações e teses sob a égide do plural,

porque alteridade não se resumia para ele, a mero verbete linguístico. Como ele disse tantas vezes: O outro é também constituinte do “eu”, porque a autoconsciência só existe se for reconhecida (Cf.: MILOVIC, 2017, p. 17). Contato: professor e aluno não existem separados.

Vale a pena, ainda que de uma forma não sistematizada, trazer algumas lições dadas por Miro, aquelas retiradas das anotações do caderno, dos artigos, das entrevistas, dos livros. Eis Miro dialogando com a filosofia em 20 frases<sup>5</sup>:

1. O poder nos deixa expostos à morte;
2. O mundo atual, o mundo global, é um delírio hegeliano (2004, p. 11);
3. A possibilidade de comunicação não significa que podemos falar;
4. É possível a abertura para os outros além da tolerância?
5. O capitalismo apaga os sujeitos (2017, p. 157);
6. Sem o Direito o outro não pode aparecer;
7. Ainda podemos falar sobre um olhar privilegiado chamado filosofia? (2017, p. 17);
8. Capitalismo e economia são as novas formas da metafísica, ocupando o lugar vazio da diferença;
9. O Direito ainda pode ser o lugar da justiça (2022)
10. O comunismo se reificou, se fechou, criou também uma nova metafísica;
11. O sistema elimina a diferença (2017, p. 106);
12. Eichmann é uma consequência catastrófica;
13. Liberalismo não é democracia (...) os direitos políticos não são direitos de todos (2017, p. 53);
14. A linguagem cria condições para algo ser lembrado. Ela está no lugar das coisas ausentes (2022);
15. Marx entenderá o trabalho no sentido, poderíamos dizer assim, de uma ontologia social. O trabalho constitui o mundo social (2017, p. 53);
16. A classe operária tem medo dos imigrantes;
17. A afirmação da diferença (...) inclui a confrontação com a cultura identitária e colonizadora (2017, p. 158);
18. A política é essencialmente conduta prática e não produção (2017 p. 28)
19. É ainda possível reinventar a política e a vida comum?
20. A pandemia não é só uma contingência histórica. É a uma imagem da história. Da dominação do idêntico (2022)

Essas vinte proposições que escolhi nos ajudam a ver Miro e nos possibilitam uma aproximação. Todas elas estão relacionadas a explicação de um filósofo específico e giram em torno das questões primordiais que amalgamavam a investigação do professor e pesquisador Miroslav: modernidade, política, imanência e diferença.

<sup>5</sup> As sentenças que não estão seguidas pela data de publicação são anotações pessoais de frases proferidas pelo professor Miroslav Milovic em aulas por ele ministradas entre os anos de 2010 e 2011.

Ora, em termos derridarianos a diferença é a abertura incessante para o outro. Nesse sentindo, temos adiante o desafio de conter a derrocada da política, sua degeneração, seu obscurecimento, a despolitização, a política sem política subjugada a uma identidade estéril que tiranicamente coage a pluralidade almejando dissolvê-la na unidade eterna do silêncio que pode se manifestar em um padrão, um mandamento, uma ordem, uma farda uma insígnia, uma bandeira ou uma terrificante ideia de superioridade.

Meu caro Miro, neste último dia 30 de outubro de 2022, gostaria de ter visto você comemorar o resultado das eleições, nossa cor vermelha, nossas cores verde e amarela, as cores todas que nós quisermos ter, que quisermos ser. Vamos agora em busca de um futuro, levo na mente e no coração seu exemplo e suas palavras e com algumas delas encerro esta breve comunicação:

“Precisamos renovar nossa energia política. O espaço político não é o espaço definido pelo governo neoliberal, seja no Brasil ou em qualquer outro país. A política é nossa, ela nos pertence (...). Morte ao Fascismo! Liberdade para os povos!” (MILOVIC, 2020)

Obrigada, querido professor, você fez toda a diferença!

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do acto**. Tradução, Bruno Monteiro. Lisboa: Deriva Editores, 2014.

MILOVIC, Miroslav. **Política e Metafísica**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2017.

MILOVIC, Miroslav. **Comunidade da Diferença**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

MILOVIC, Miroslav. **Arendt. O otimismo pensando a dignidade da política** - Revista Instituto Humanitas Unisinos (IHU online), 2006. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/621-miroslav-milovic-1>. Acessado em nov/2022

MILOVIC, Miroslav. **O Virus do Capitalismo**. 2006. Disponível em: <https://www.prerro.com.br/o-virus-do-capitalismo/>

MILOVIC, Miroslav. **Política e Pluralismo**: considerações sobre Hannah Arendt e Chantal Mouffe. In.: NASCIMENTO, Paulo (org.) et al. *Filosofia ou Política? Diálogos com Hannah Arendt*. São Paulo: Annablume, 2010.

MILOVIC, Miroslav. **Pandemia como História**. In: *Problemata - Revista Internacional de Filosofia*. v. 13. n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/63406/35526>. Acessado em nov/2022.

SOUZA JUNIOR, José Geraldo. **Miro, compromisso com a filosofia política e o mundo**. Disponível em: [https://noticias.unb.br/images//Artigos/MIRO\\_compromisso\\_com\\_a\\_filosofia\\_politica\\_e\\_com\\_o\\_mundo.pdf](https://noticias.unb.br/images//Artigos/MIRO_compromisso_com_a_filosofia_politica_e_com_o_mundo.pdf). Acessado em nov/2022